

Agostinho da Silva: Um Filósofo Pedagogo e uma Teocracia

*Dalila Pereira da Costa**

Se ainda quisermos confirmar, por suas próprias palavras, sempre tão claras e rigorosas, a posição que assumiu Agostinho da Silva como filósofo, ouçamo-lo, e aqui em confissão própria: “E se por acaso é pedagogo, coisa que acontece muito a filósofos, não porque queiram especialmente educar o gênero humano, mas porque não pode existir nenhum verdadeiro pensador que não ame em cada homem o reflexo de Deus e não deseje que todo o minério precioso se desprenda da ganga”.¹

Aqui estará bem definida a função do vero mestre espiritual, tal como foi Agostinho da Silva, ainda na senda de seus próprios mestres da *Renasença Portuguesa*. Longe de qualquer imposição ou domínio pessoal. Lembremos a parábola evangélica dos *talentos*, o servo no seu dever fazendo multiplicar, render, os bens de seu Senhor, a si confiados em depósito; mas pelo sentido que antes lhe dará o nosso filósofo, aqui se lhe poderá chamar alquimia interior; outros lhe chamarão ainda maiêutica.

Ato de trazer à luz, desocultar as qualidades, dons, do discípulo, até então só latentes, ocultas no seu fundo mais fundo, como sua verdade. Ou esse minério precioso, que será em si o reflexo de Deus. “E ato pedagógico que”, como confia Agostinho da Silva, “só vale quando é feito como uma ascese por amor de que se liberte o Deus que em nós reside.”²

Cumprindo assim o único verdadeiro dever que, humanamente, há neste mundo, o de ser santo. De realizar em si o homem transmutado, ou regenerado. Então esta pedagogia surgindo como parte do messianismo: este realizando um mundo transmutado ou regenerado. Tal a meta conduzindo os portugueses sempre através de sua História. E que iria persistir, na visão

* Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra; ensaísta, poetisa e investigadora nas áreas da filosofia, da religião e da cultura portuguesa. Entre outros títulos da sua obra publicada, figuram *O esoterismo de Fernando Pessoa* (Porto: Lello & Irmão, 1971); *A nau e o Graal* (Porto: Lello & Irmão, 1984); *Místicos portugueses do século XVI* (Porto: Lello & Irmão, 1986); *Entre desengano e esperança: ensaios portugueses* (Porto: Lello & Irmão, 1996); *Mensagens do Anjo da Aurora* (Lisboa: Hugin, 2000).

própria teocêntrica, para além do Renascimento, que iniciou na Europa o antropocentrismo.

Tal ainda nos surge Agostinho da Silva; e também Álvaro Ribeiro, seu discípulo na antiga e suburbana Quinta Amarela, tão acolhedora nos seus grandes arvoredos, sede da Faculdade de Letras do Porto, criada por um escol de mestres: eis dois veros pensadores religiosos, ambos partilhando da mesma verdade, expressada pelo nosso pedagogo: “Filosofia separada de teologia é invenção do diabo.”³

Então e também, nesta progressão de união, se dará a “última e definitiva revolução, a do sobrenatural. A de se transformar a terra e o céu nalguma coisa que os supere; a de se casarem tempo e eternidade; a de não haver mais distinção alguma entre o homem e Deus”⁴

Eis os anúncios dessa revolução que esperava Agostinho da Silva: a teocracia.

E a que correu secretamente sempre no espírito dos portugueses.

Portugal foi, desde sua fundação por D. Afonso Henriques, uma nação consagrada desde o alto, sob o signo de um milagre.

Vivendo na esperança messiânica universal do estabelecimento do Reino de Deus sobre a Terra: esperança que, através dos tempos, tomará manifestações sucessivas, como sebastianismo, Quinto Império; e que, nos últimos séculos, positivistas e materialistas, em outras seguintes recorrências cada vez mais profanizadas, assumirá aspectos de teor degradado.

Mas, nos seus primeiros séculos, afigura-se que, como nação, renuncia a qualquer forma de natureza estritamente terrena, havendo tradicionalmente em Portugal uma feição com algo de teocrática. Sempre latente, ora subindo à superfície, à luz, atuante, ora permanecendo oculta; mas sempre viva, presente; e sempre se declarando pela voz de seus profetas, na sua concepção providencialista: Deus sendo o Senhor da História.

Assim, não tendo havido escolha de um destino tranqüilo, fechado e limitado sobre si próprio, como nação, mas vivendo para a humanidade.

O messianismo foi a vocação de Portugal, integrando-o desde a Reconquista, na História continental e logo na universal. Dimensão universal que foi acentuada por Bandarra, P.^o Antônio Vieira e, presente e potentemente, por Agostinho da Silva; demonstrando-se, através do devir histórico, esse *filum* tradicional de feição transcendente.

Mas tudo levará a crer que Portugal se esgotou neste último ato que o levou para além de si próprio, como nação; dando-se todo a esse ato, como meta única de existência. Como dever: sacrifício no seu vero sentido sagrado.

Obra universal, em que colaboram seus reis, todo o povo, soldados, navegantes, descobridores, cartógrafos, missionários, mártires e santos.

“Nenhum outro país do mundo tivera tal audácia, nenhum dera a tal ponto o sinal de consciência de uma missão”.⁵

Enquanto conservou no seu pensamento e ação esta meta superior, levando-a para além de si próprio como finalidade de vida, viveu verdadeiramente, ocupou e desempenhou alto papel no mundo, na sua vera essência, perseverando no seu ser; quando perdeu essa meta, também simultaneamente, um princípio de morte, começo de decomposição, entrando em si.

Então também, decaindo na submissão à Europa, a seus falsos modelos, tão alheios a si; como perda de sua identidade, confiança em si, na sua verdade própria.

E essa futura descoberta surgindo para seus profetas, como algo que faltava ainda cumprir; não no sentido natural, como a primeira, mas no sentido espiritual; nova Descoberta, perante a qual, no dizer de Pessoa, a primeira não teria sido mais do que um ante-arremedo carnal.

Nova Descoberta na qual os filósofos poetas da Renascença *Portuguesa*, como Agostinho da Silva, depositaram toda sua esperança: como obra de fraternidade racial e universal, partilha do Espírito Santo; futuro nascer de uma humanidade e de um mundo.

E nessa futura missão, que espaço da terra e seu povo teria havido predestinadamente eleito desde os fundos mistérios dos inícios?

“Possivelmente a permanência de D. João VI no Brasil teria decidido de vez a possibilidade de um mundo português feito de nações independentes e livres, com seu centro de gravidade não mais em Portugal, mas no Brasil.”⁶

Agora ousemos ligar este *possivelmente* de Agostinho da Silva à afirmação de vaticínio de André Malraux, na década de 60 do século passado, quando de sua visita oficial ao Brasil, como Ministro da Cultura da França, no seu discurso (que ouvi então) em São Paulo, declarando que o Brasil poderia ocupar o lugar de vanguarda na futura civilização mundial, se perseverasse na sua essência específica, não se submetendo a qualquer influência cultural de outra nação estrangeira. Notemos esta afirmação, vinda de alguém detentor de tão alto nível espiritual e autoridade; e afirmação possuindo tal elogio do Brasil: e esperança nele depositada.

Digamos ainda: agora o Brasil podendo por si transmitir sua específica e preciosa mensagem, e ainda a de Portugal, como uma das suas heranças próprias; “porque o ter emigrado o salvou, ou salvou sua mensagem”.⁷

E na esperança de nosso filósofo duma futura vera teocracia, “o tal por-

tuguês preador lança seus fundamentos do que será muito possivelmente a base futura de renascimento católico”⁸

Assumirá por si essa nova era de paz, multirracial? Na sabedoria unida de índios, pretos e brancos: pela maior força do mundo, o amor. E que nossos profetas, e entre eles, ultimamente, Agostinho da Silva de forma superior, proclamaram messianicamente, como Reino do Espírito Santo.

Eis então realizada essa sua desejada teocracia.

Porto, 7 de Setembro de 2006

Notas

- 1 *As Aproximações*, pp. 117-118.
- 2 *Op. cit.*, p. 85.
- 3 *Op. cit.*, p. 120.
- 4 *Op. cit.*, p. 134.
- 5 *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, p. 60.
- 6 *Op. cit.*, p. 106.
- 7 *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, p. 93.
- 8 *As Aproximações*, pp. 29-30.

Resumo

Agostinho da Silva viveu nos nossos dias ainda como representante da corrente tradicional do messianismo português e de seu alto projeto de estabelecer no mundo uma Idade da paz universal, em fraternidade multirracial. Agora, como mundo em ressurreição, após sua descida aos infernos, iniciando uma teocracia na esperança do filósofo e ainda contendo em si a mensagem do Brasil e de Portugal. Como mestre espiritual, Agostinho da Silva assumiu sua vera missão: a de levar o discípulo à sua realização própria, o que será cumprir o projeto que Deus tinha sobre ele desde a preexistência. O filósofo continuou a cosmovisão teocêntrica da Idade Média, que Portugal também continuou, mesmo após o Renascimento, que estabeleceu na Europa o antropocentrismo. Assim e também, sua filosofia foi considerada como começo de conhecimento da teologia: esta como sua vera realidade, completude final.

Palavras-chave: Messianismo; Fraternidade Universal; Liberdade; Santificação; Teocracia.

Résumé

Agostinho da Silva a vécu de nos jours, tel le représentant du courant traditionnel du messianisme portugais et de son haut projet d'établir au monde un âge de paix universelle en fraternité multiraciale. Aujourd'hui, comme monde en résurrection, après sa descente aux enfers, encore vivant une théocratie et dans l'espoir du philosophe, contenant en soi le message du Brésil et du Portugal. Comme maître spirituel, le philosophe a vécu sa vraie fonction, celle d'emmener le disciple à sa réalisation: comme d'accomplir le projet que Dieu avait pour lui dès la préexistence. Agostinho da Silva continue la cosmovision theocentrique du Moyen Âge, tel que Portugal avait fait, même après la Renaissance et son anthropocentrisme établi en Europe. Ainsi, la philosophie était vue comme début de connaissance, ou préparation vers la théologie: celle-ci comme sa vraie réalité, complétude finale.

Mots-clé: Messianisme; Fraternité Universelle; Liberté; Sanctification; Théocratie.